

## Jornal do Brasil

17/6/1990

### Brasil

#### Pradópolis, uma cidade-usina onde tudo funciona

*Mas lá também a palavra crise começa a circular*

Ricardo Kotscho

PRADÓPOLIS, SP — Bem asfaltadas e arborizadas, as ruas de Pradópolis estão sempre desertas na maior parte do dia, como se uma bomba de nêutrons tivesse explodido nessa cidade de 10.500 habitantes, um oásis de 162 quilômetros quadrados, a 330 quilômetros de São Paulo, onde tudo funciona. É como se Pradópolis pertencesse a um outro mundo, distante do Brasil. Apesar disso, a palavra crise acaba de atravessar as margens do córrego Triste e a circular incomodamente pela cidade.

Todo mundo está trabalhando na Usina São Martinho, pioneira na América do Sul e uma das maiores do mundo entre as de açúcar e álcool. A usina é que deu origem à cidade e até hoje mantém sobre ela controle absoluto. Só se vê algum movimento de gente diante da agência Bradesco, porque é dia de pagamento. As portas da prefeitura serão abertas ao público depois do meio-dia, como sempre. O prefeito e seus assessores dão uma passada por lá depois das três da tarde, assim mesmo apenas duas vezes por semana.

Na última quarta-feira, Pradópolis festejou 31 anos de emancipação política com todos os seus problemas básicos resolvidos. A rede de água e esgoto chega às suas 1.720 casas. Há escolas, creches e parques infantis para todas as crianças. Todas as ruas são iluminadas e o índice de mortalidade infantil é um dos menores do mundo. A cidade se dá a até ao luxo de lavar suas ruas, para limpar a poeira vermelha e a fuligem que vem da queima dos canaviais.

À primeira vista, Pradópolis poderia servir como cidade etnográfica para uma novela que se passasse numa terra de fantasia, um lugar onde todos gostariam de viver, mas o prefeito, Orlando Correia da Silva Ometto, o Orlandinho, não mora lá. Filho do Dr. Orlando Ometto, duas vezes prefeito de Pradópolis, ele vise em Ribeirão Preto, assim como a maioria dos seus assessores e todos os profissionais liberais da cidade.

— Esta cidade é um paraíso — não se cansa de repetir o vereador Homero Correia de Arruda Filho, também diretor da usina.

— Se é um paraíso, por que eles não moram aqui? — pergunta outro vereador, Luís Otávio Giovanetti, gerente da agência da Caixa Econômica Estadual e herdeiro do primeiro morador da cidade, César Giovanetti. — Alguma coisa está errada... — conclui ele, com muito cuidado para não entrar em choque com os donos da cidade.

Luís Otávio, casado, 35 anos, mais idade, portanto, do que tem Pradópolis de emancipação, nunca pensou em sair de lá. Mas, pela primeira vez, está sentindo que os problemas das cidades grandes estão chegando até Pradópolis também.

— A recessão chegou com tudo aqui — constata, ao contabilizar uma queda de 40% a 50% no movimento do banco após o Plano Collor. — Esta é uma cidade de assalariados e o comércio depende deles. Como ninguém recebeu a reposição salarial de 166%, o pessoal não está ganhando nem para comer e o comércio fracassou.

Só quem recebeu aumento salarial em Pradópolis foram os 250 funcionários da prefeitura. Pelo Decreto 534 no fim de maio o prefeito concedeu um aumento de 30% aos funcionários públicos, com efeito retroativo, esclarecendo ainda que este valor "corresponde a 67% do IPC registrado no mês de abril de 1990". Mesmo assim, a folha de pagamentos do funcionalismo consome apenas 30% da arrecadação mensal de um orçamento estimado em Cr\$ 150 milhões para este ano.

Os 11 mil funcionários do complexo Usina São Martinho-Agropecuária Monte Sereno não devem nem sonhar com o mesmo tratamento, embora a prefeitura do passe, na prática, de uma repartição da empresa. Enquanto na prefeitura os salários variam entre Cr\$ 6.650 e Cr\$ 74.168, os bóias-frias dos canaviais ganham entre Cr\$ 5 mil e Cr\$ 8 mil por mês, mas a maioria sobrevive com a metade disso. Reclamar é perigoso: em Pradópolis, quem é demitido da usina tem que mudar de cidade porque não acha mais emprego. Por falta de sócios, há seis meses foi fechada a sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais na cidade.

Desde que a cidade foi emancipada politicamente, os Ometto e outros diretores e funcionários da usina controlam a prefeitura e a Câmara Municipal. Até 1982, a família garantiu que a eleição fosse disputada por um único candidato e só uma vez a prefeitura ficou alguns meses fora do seu controle. Foi na administração do primeiro prefeito eleito, Nélsom Ometto. Transferido pela usina para outra cidade, ele teve que passar o cargo para o vice, Januário Teodoro de Sousa.

De 1969 a 1988, Agenor Pavan, diretor industrial da usina, revezava-se na prefeitura com Orlando Ometto, dois mandatos cada um. Só nas duas últimas eleições apareceu um candidato da oposição, o contador Luís Antônio Ferreira Gonçalves, do PMDB, mas sem recursos para enfrentar a oligarquia dos Ometto, o PMDB conta com apenas uma cadeira na Câmara de 13 vereadores, dos quais sete são ligados à usina.

**(Página 16)**